

A LINGUAGEM E OS GÊNEROS DO DISCURSO

Maria Celeste Said Silva Marques¹

Introdução

Neste artigo, meu objetivo é fazer um resumo reflexivo sobre a linguagem e os gêneros do discurso e responder se o panfleto é um gênero discursivo. Dar conta dessa tarefa não é tão fácil. Primeiro, devido à variedade das tipologias e classificações. Segundo, pela escassez de estudos sobre o panfleto. Então, desenvolverei este artigo, descrevendo as principais correntes de estudos sobre a questão do gênero e, a partir daí, situarei a linha de pesquisa mais coerente e produtiva.

Percorso da problemática do gênero na história da língua

As produções discursivas são classificadas. Por exemplo, na mídia, os jornalistas e leitores empregam os termos reportagem, editorial, classificados; na televisão, talk-show; nas empresas, os relatórios de balanço; na universidade, dissertação, tese, etc. Os locutores, os leitores utilizam esses termos sem, no entanto, utilizar freqüentemente os termos englobantes como gênero, modo ou tipo de discurso.

Em geral, falar de gênero foi, durante muito tempo, um tema da retórica e da literatura. De acordo com Branca-Rosoff (1999), os lingüistas por muito tempo negligenciaram os estudos dos níveis intermediários do funcionamento do discurso. A partir dos anos da década de 70, quando se desenvolveram os estudos sobre o discurso, é que as tipologias e as classificações dos gêneros do discurso comum se multiplicaram.

¹ Professora do Dep. de Educação - UFRO

Para situar o tema do gênero, começarei apresentando um resumo das correntes principais, as quais são grandes reagrupamentos que funcionam como métodos de questionamento do *corpus*. Eles podem orientar em direção à pesquisa das identidades enunciativas impostas pelas instituições.

As principais correntes são agrupadas, conforme Branca-Rosoff (1999), em dois grandes conjuntos: as tipologias universalistas e os gêneros sociais empíricos. Os dois grupos são subdivididos. Então, vejamos.

As tipologias universalistas

O sintagma “gênero de discurso” (*genera dicendi*) pertence à tradição retórica grego-latina aristotélica. Os gêneros oratórios estão diretamente relacionados às instituições da cidade e ainda hoje se apoiam sobre uma tipologia do espaço social.

1. Tipologia dos grandes setores da atividade da sociedade

1.1. Os gêneros oratórios da Antigüidade

Na retórica grega, os lugares públicos, os atos de linguagem, os lugares discursivos e os tipos de enunciados estão relacionados. Dessa forma, eles se distinguem em função dos lugares sociais: o gênero judiciário se exerce no tribunal, o gênero deliberativo na assembléia e o demonstrativo (ou epidíctico), nas festas públicas. A esses lugares de enunciação institucionais, correspondem atos de linguagem ritualmente codificados a serviço de uma finalidade pragmática.

1.2. O espaço social contemporâneo: o político e o trabalho

As análises do discurso contemporâneas retomam em parte as divisões da sociedade em grandes setores de atividades como, por exemplo, os discursos estudados pelo laboratório de Saint-Cloud “Lexicométrie et textes politiques”. De acordo com Branca-Rosoff (1999, p. 9), o referido laboratório agrupa enunciados que participam de um mesmo domínio da atividade social: a arte de lutar pela palavra no espaço público com o objetivo de conquistar o poder. O discurso político representa muito bem os discursos da assembléia, da mesma forma que o funcionamento da mídia, dos cartazes eleitorais e os panfletos (*des tracts*).

Salvo alguma exceção, para Branca-Rosoff (1999), os enunciados considerados como políticos são pronunciados por atores sociais que têm um status

reconhecido no campo político: são os representantes políticos eleitos ou profissionais da mídia. A noção de discurso político é herdeira de uma longa tradição que remonta ao gênero deliberativo dos retóricos. Entretanto, atualmente, a eloquência foi destituída da força da voz e toma forma do modelo de “informação à distância” da mídia e, se dirige ao cidadão solitário em frente ao seu televisor, que o convida a participar do poder somente para eleger candidatos a cargos políticos.

Os “discursos em situação de trabalho” constituem um conjunto múltiplo de produções a partir de uma relação metonímica ao lugar do trabalho, em oposição à casa ou aos espaços públicos. Aqui também é um critério não lingüístico que permite agrupar discursos extremamente diferentes: conforme a quem eles se dirigem, se é à equipe local ou a um exterior mais ou menos longe; conforme ao suporte material, se eles são manuscritos ou impressos; se são redigidos ou apenas rascunhos. Contrariamente às produções políticas, esses textos podem ser pouco institucionalizados. Esta é, sem dúvida, uma das razões que explicam a ausência de denominação espontânea utilizável entre os termos empregados sobre o lugar de trabalho. De acordo com Branca-Rosoff (1999, p.10), “ao utilizar ‘discurso em situação de trabalho’, os pesquisadores defendem uma teoria das práticas sociais que fazem do trabalho um componente maior da sociedade atual [...]”.

Para Boutet e outros (1995, p.14), as pesquisas no domínio da “linguagem e trabalho” se caracterizam pelo fato de o

discurso, textos e outros materiais de análise serem, em grande parte, produzidos pelo movimento da própria pesquisa: quando o pesquisador se propõe estudar a cooperação em um atelier ou a comunicação em um escritório, ele não pode esquivar-se da questão da construção dos dados, de colocar um dispositivo de observação e de elicitación a partir do qual se ordenarão as escolhas dos detalhes.”

2. As classificações transversais: procedimentos da linguagem e cognitivos

Essas classificações são desenvolvidas por pesquisadores que descrevem o funcionamento do discurso de forma transversal em relação às instituições, mas que buscam, ao mesmo tempo, colocar as categorias empíricas num nível superior.

2.1. As funções da linguagem: o exemplo de Jakobson

É a partir do *Ensaio de lingüística geral* de R. Jakobson que as classificações de base funcional foram largamente difundidas.

Jakobson distinguiu na linguagem as funções referencial, conativa, fática, metalingüística, poética e pensava poder caracterizar cada texto pela dominância de uma função. Para Branca-Rosoff (1999, p.11), *“esta tipologia foi muito criticada porque são raros os casos de boa correspondência entre função e discurso. A maior parte dos discursos mobilizam várias funções. E são igualmente raros os casos em que se pode associar uma forma lingüística e uma função”*.

2.2. As tipologias cognitivas

Nesse tipo de tipologia, os pesquisadores reagrupam os textos a partir de grandes operações de esquematização da realidade. Em geral, classificam os textos em cinco tipos: narrativo, descritivo, explicativo, argumentativo e dialógico. Trata-se de descrever os componentes homogêneos, as seqüências. Essa tipologia se situa num nível não lingüístico. Para os defensores dessa corrente, trata-se de descrever as operações mentais que estão à disposição dos locutores na conversa, na elaboração de panfletos ou de informações de televisão. As representações cognitivas do sentido esquematizam as operações mentais e não discursos historicamente organizados.

2.3. Os modos de enunciação

São representativos dessa classificação W. Labov e Waletzky, que propõem um estudo dos relatos comuns misturando vários parâmetros: os estruturais como a ordem cronológica dos elementos na narração e os sintáticos como a escolha de proposições afirmativas. Entretanto, essa tentativa é um retorno aos relatos de estrutura narrativa muito simples. A ruptura na ordem cronológica é observada em numerosos relatos quer sejam de ficção, quer sejam de acontecimentos.

Jenny Simonin, Jean-Paul Bronckart e vários outros pesquisadores inscritos nessa corrente classificam os discursos com ajuda de parâmetros que definem a situação de enunciação: a pessoa, o tempo, o lugar, as diversas modalidades. As marcas enunciativas permitem articular o enunciado à situação, organizando e definindo os lugares dos enunciadores. Além disso, as marcas enunciativas constituem um sistema gramatical fechado, bem delimitado, objetivando um descrição sistemática.

Para Branca-Rosoff (1999, p.13), métodos baseados nos *modos de enunciação* são “*eficazes para abordarem as relações de lugar e posturas enunciativas. No entanto, não fornecem detalhes sobre as pressões da linguagem ligadas às instituições de fala historicamente definidas*”.

3. Tipos de discurso que relacionam instituições e modos discursivos:

3.1. A análise da mídia e a crítica à pretensão de informar

São representativos dessa tipologia os trabalhos de Charaudeau sobre a informação da mídia. O referido autor destaca os eixos que definem o “contrato de comunicação” entre o locutor e os receptores. Sobre o eixo dos modos discursivos, ele considera que a finalidade do discurso da mídia é informar sobre um acontecimento, mostrando os aspectos problemáticos ou mesmo provocando-o ao organizar debates. Sobre o eixo das instâncias enunciativas, ele opõe os discursos dos jornalistas (que são de origem interna) aos discursos que fazem apelo aos enunciadores exteriores (àqueles dos experts, por exemplo).

Para Branca-Rosoff (1999, p.14), “*da mesma forma que fazem os cognitivistas e os funcionalistas, a análise da mídia e a crítica à pretensão de informar considera indevidamente os comportamentos de linguagem e as relações interativas (os contratos de comunicação) colocados acima das categorias da língua*”.

3.2. Os discursos fundadores: a enunciação de uma posição

Essa tipologia tem como seus representantes principais Dominique Maingueneau e Frédéric Cossuta, que agrupam sob a mesma etiqueta de “discursos constituintes” um conjunto de textos definidos pela função social de “archéion”. Para Maingueneau e Cossuta (1995, p. 112-3),

“os discursos constituintes colocam, em atividade, uma mesma função na produção simbólica de uma sociedade, uma função que podemos chamar de archéion. [...] O archéion associa intimamente o trabalho de fundação no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado à um corpo de enunciadores consagrados e uma elaboração da memória. [...] São discursos constituintes essencialmente os discursos religioso, científico, filosófico, literário, jurídico. O discurso político parece operar sobre um plano diferente, construído a partir de configurações mutáveis de acordo com a confluência dos discursos constituintes sobre os quais ele se apoia, e sobre os múltiplos estratos de topoi de uma coletividade.”

Os discursos constituintes são abordados pela sua posição de enunciação, visto que o essencial do trabalho de fundação parece repousar sobre a construção reflexiva pela qual o sujeito enunciador se autoriza a ocupar sua posição. De acordo com Branca-Rosoff (1999, p.15), a abordagem de Maingueneau e Cossutta recorta as idéias de Foucault sobre os processos de institucionalização dos papéis. No entanto, a organização dos conceitos que remetem ao domínio dos saberes e, de forma mais geral, à coerência interna dos textos não aparecem como elementos centrais.

3.3. A didática e o estudo lingüístico dos sistemas de reformulação

Os autores representantes dessa classificação são Jean-Claude Beacco e Sophie Moirand, que resumem em uma categoria, a “didática”, as organizações discursivas de uma classe de língua, um artigo de vulgarização, um curso num colégio da França, uma explicação espontânea a respeito de uma receita de comida. A didática, ao colocar em destaque as categorias práticas, possibilita não se ater às descrições monográficas.

3.4. Uma tipologia puramente lingüística?

Estatísticos e historiadores da língua exploraram grandes *corpora* sobre uma base de início puramente lingüística. A abordagem deles se propõe ser sensível à língua e a história. Bibier (1988) coleciona 67 traços e os reparte em categorias tais como: marcadores de tempo e de aspecto, advérbios de tempo e de lugar, as formas nominais, os grupos proposicionais, a passiva, etc. Trata-se de marcar as correlações para que, dessa forma, possam emergir grandes textos sobre uma base puramente estatística. Entretanto, os resultados conduziram a dividir os grandes modos de funcionamento cognitivo.

As escolhas dos parâmetros é, entretanto, colocada como natural, isto é, ela não é explicitada pelo analista. Dessa forma, os traços colecionados não têm nada de “objetivo”. Sua seleção resulta de hipóteses do pesquisador e da tradição, mais precisamente de bases tipológicas que ele julgar interessantes. Desse ponto de vista, não há análise puramente imanente e percebe-se, de acordo com Branca-Rosoff (1999, p.16), “*por exemplo, em D. Bibier a influência de trabalhos sobre a sintaxe do escrito ou de análises enunciativas, sem que jamais estas fontes sejam mencionadas e discutidas.*”

Os gêneros sociais empíricos

Pertencem a esse segundo grupo as pesquisas que defendem a impossibilidade de estabelecer categorizações *a priori*.

1. A perspectiva escolar clássica

A noção de gênero literário elaborada nos Latinos repousa sobre critérios heterogêneos, às vezes temáticos, formais e pragmáticos, e que apresentam uma certa imprecisão.

1.1. Uma enumeração em extensão

Nessa classificação, cada gênero coloca em jogo um lugar no nível social: a epopéia fala dos deuses, a tragédia dos príncipes, a comédia dos simples cidadãos, a égloga dos pastores, o apólogo dos animais. A temática trata das ações que convém às diferentes categorias sociais representadas: a epopéia narra as guerras enquanto a égloga trata dos amores dos pastores.

É prática das instituições de ensino que asseguram a sobrevivência do programa das poéticas. Nas classes dos colégios, estudam-se os gêneros explicando os autores latinos.

2. Os gêneros comuns incontáveis

Para Branca-Rosoff (1999, p.19), as abordagens deste tópico não visam a uma tipologia. Elas objetivam a construção de novos domínios de observação.

2.1. As distorções entre registros e gêneros

Objetivando tornar visível a diferença entre o ponto de vista sociológico e o formal, P. Achard propõe a utilização de dois termos diferentes: ele designa como *registros* os papéis da linguagem em vista das diferentes situações sociais e como *gêneros* os funcionamentos lingüísticos. Por outro lado, Achard destaca a impossibilidade de propor um tipologia geral. Ele sublinha que não há “registro” sem uma hipótese prévia do sociólogo, quando este considera que é pertinente isolar um funcionamento social para analisar como gênero.

O referido autor admite a ausência de critérios estáveis para apreender os gêneros sociais. Entretanto, alguns critérios são possíveis, tais como, o momento, o lugar, o papel da linguagem, o suporte, etc.

2.2. Uma semântica dos gêneros ligada à uma filosofia do sujeito ativo - gênero sócio-discursivo

Essa perspectiva de trabalho e de pesquisa foi aberta, no início dos anos cinquenta pelo pesquisador soviético Mikail Bakhtin. Este último concebe seu projeto a partir da constatação de que, em todo os domínios da atividade humana, os homens utilizam a linguagem. Para constituí-lo em objeto de estudo, não é possível contentar-se com abordagens parciais (gêneros literários, análises de conversação, retórica, tipologia, etc.) que não podem ser colocadas uma em relação às outras. O ângulo de ataque escolhido por Bakhtin, para unificar as abordagens e tratar os gêneros, é o do enunciado. Nesse quadro, os gêneros não se limitam ao estudo, tradicional e freqüentemente contestado, dos gêneros literários.

Essa abordagem, de acordo com Branca-Rosoff (1999), tem dois grandes expoentes que são Bakhtin e Wittgenstein. Este comunga com aquele a divisão dos gêneros em primários (os diálogos da interação cotidiana, felicitações, votos, agradecimentos, etc.) e os gêneros secundários, elaborados na literatura ou na atividade científica ou sócio-política. Por um lado, para os dois autores, é impossível, por princípio, estabelecer uma classificação exaustiva das atividades da linguagem, pois são inumeráveis as utilizações de tudo que denominamos palavras, signos, frases. Por outro lado, para Wittgenstein, pode-se partir dos jogos da linguagem (indissociavelmente formas e sentido) para fundar uma semântica articulando conteúdos da linguagem com conteúdos de ação. As jogos da linguagem, as maneiras de dizer, são ao mesmo tempo maneiras de produzir funcionamentos sociais.

Opção por um gênero

Após essa reflexão sobre os grandes agrupamentos dos métodos de questionamento de corpus, por coerência, a opção tomada para orientar esta pesquisa se apóia sobre o *arcabouço teórico do sujeito ativo* de Bakhtin. Opto pela perspectiva do gênero sócio-discursivo bakhtiniano por ser ela o reencontro dos

homens em situações de trocas verbais, de textos concretos de comunicação e não em tipos de textos abstratos.

Bakhtin e o gênero

Bakhtin é o lingüista que caracteriza mais nitidamente a linguagem pela presença de diferentes gêneros e, sem dúvida, é um empreendimento que é muito bem desenvolvido por ele na *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 1992).

Para Bakhtin, a linguagem acompanha todas as atividades humanas e “*cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso*” (1992, p.279). E como cada esfera se desenvolve e se torna mais complexa, o repertório de gêneros de discurso da esfera vai diferenciando-se e ampliando-se. Haverá tantos gêneros de discurso quanto as atividades humanas. Dessa forma, são infinitas a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso. Desse ponto de vista, os gêneros nitidamente se caracterizam pelo que se faz com a linguagem como: mostrar, descreve, explicar.

Gêneros primários e secundários

Em seu trabalho de definição de enunciado, Bakhtin (1992) introduz uma noção essencial. Os enunciados constituem, num dado momento da história de uma cultura, um conjunto impressionante de grande diversidade. Quanto mais uma cultura é rica em espaços de atividades humanas, mais numerosas são as relações entre esses espaços e multiplicam-se mais as situações de trocas orais e escritas. A conversação entre parceiros, a entrevista com um empregador, uma carta de um amigo, a novela, o talk-show, o discurso político, a receita de comida, vários são os exemplos de gêneros sócio-discursivos em um dado momento histórico de uma dada sociedade.

Bakhtin diferencia os gêneros do discurso em primários e secundários. Os *gêneros primários* (simples) estão presentes nas situações da vida cotidiana e correspondem a um espectro diversificado da atividade lingüística humana relacionada com os discursos da oralidade em seu variados níveis: do diálogo cotidiano ao discurso didático, filosófico ou sociopolítico. A comunicação verbal na vida cotidiana dispõe de gêneros, ou seja, para falarmos segundo Bakhtin (1992,

p.301), *“utilizamos sempre dos gêneros do discurso [...], todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. [...] Falamos em vários gêneros sem suspeitar de sua existência.”*

Os *gêneros secundários* (complexos) são característicos de circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita. No entanto, correspondem a uma interface dos gêneros primários. De acordo com Bakhtin, a característica essencial dos gêneros secundários é a absorção dos gêneros primeiros e sua transmutação em gênero secundário. Abrangem o romance, o teatro, o discurso filosófico, o discurso político, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. A divisão em conjunto não significa que se trata de classes isoladas, mas sim de formas correlativas: um gênero como o discurso filosófico está representado nas duas esferas. O que significa que o processo combinatório que constitui um gênero (acabamento) provoca a evolução (inacabamento).

É na vida cotidiana, nas comunicações interativas, que se manifesta o processo combinatório dos gêneros discursivos. O contato entre vida e enunciado é, então, o potencializador dos gêneros discursivos que modulam as enunciações e determinam as formas dos gêneros dos enunciados pronunciados pelos falantes.

A palavra que entra na enunciação é uma unidade do discurso vivo, dinâmico; como tal, é uma unidade cultural dotada de tudo que é próprio da cultura, principalmente as significações cognitivas, éticas e estéticas. As produções da linguagem são construídas em situação concreta. As pessoas falam e escrevem em direção a interlocutores que têm uma identidade social bem definida e que se interessam sobre um domínio preciso de atividades. Essas produções são então funcionais: fala-se para participar de uma.

O quadro abaixo resume as diferenças entre as duas grandes categorias de gêneros.

GÊNEROS PRIMÁRIOS	GÊNEROS SECUNDÁRIOS
Simple	Complexos
Presentes nas trocas verbais cotidianas	Presentes nos domínios: - culturalmente evoluídos - complexos (artes, ciências, política, etc.)
Freqüentemente orais	Freqüentemente escritos
Tornam-se componentes dos gêneros Secundários	Formados por absorção e transmutação dos gêneros primários
- estão em relação com o real; - estão em relação com os enunciados do outro:	- estão em relação com o real; - estão em relação diferente com os

	enunciados do outro; - os gêneros primários integrados perderam sua autonomia por estar submetido aos gêneros secundários;
--	---

Quadro (1): Os gêneros

Para Bakhtin (1992b), utilizamos os gêneros do discurso para falar, ou seja, *“todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”* (p.301). É muito rico nosso repertório dos gêneros do discurso orais e escritos. Podemos até ignorar a sua existência teórica, mas *“falamos em vários gêneros sem suspeitar de sua existência”*.

As formas típicas da língua, isto é, os gêneros do discurso, organizam nossa fala da mesma maneira que fazem as formas gramaticais (sintáticas). Falamos por enunciados e não por orações isoladas. O locutor recebe além das formas prescritivas da língua comum - ele não as cria livremente -, os gêneros do discurso, que são *“formas não menos prescritivas do enunciado. (Bakhtin, 1992, p.304)*

Com efeito,

“o enunciado, em sua singularidade, apesar de sua individualidade e de sua criatividade, não pode ser considerado como uma combinação absolutamente livre das formas da língua” (p.304). No entanto, é de acordo com o domínio que temos dos gêneros e sua utilização com desenvoltura que “descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade [...], que realizamos com um máximo de perfeição o intuito discursivo que livremente concebemos” (p.304).

A partir das colocações acima, pode-se dizer que as normas, as restrições que regem as formas de enunciados, constituem o quadro *com e no* qual se materializam a variedade de trocas constitutivas de atividade. Os locutores dispõem de gêneros de discurso presentes na comunidade a que pertencem e sua utilização se dá por meio da concretude das relações sociais. No entanto, as nuances sociais, psicológicas, afetivas dependem das filiações dos sujeitos singulares. Trata-se de dizer que as combinações do enunciado são a expressão da *dimensão normatizadora*, enquanto a *individualidade* é resultado da livre concepção do projeto discursivo do locutor.

As normas dos gêneros funcionam como referência à vinculação social e como meios de reflexão. Assim sendo, os gêneros do discurso apresentam-se como recursos para pensar e dizer. Daí que o domínio dos gêneros permite a subversão possível desses mesmos gêneros, num determinado momento da história,

contribuindo para novas variedades entre a infinita possibilidade de gêneros. No caso específico deste artigo, o gênero panfleto é um exemplo da história dialética que percorre um gênero, assim como o tipo panfleto político.

Panfleto: um gênero discursivo

O panfleto, enquanto enunciado, reflete, de acordo com a teoria de Bakhtin (1992, p.279), *“as condições específicas e as finalidades [...], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional”*.

O panfleto, enquanto texto e ação com sentido, constitui um gênero secundário e uma forma de relação dialógica. É uma unidade significativa de comunicações discursivas articuladas que envolve idéias, valores, etc.

O conceito de panfleto que é utilizado neste trabalho designa uma forma histórica específica e que é utilizada atualmente. Mas que, sem dúvida, é uma extensão, uma progressão do modelo antigo. As características que marcam a especificidade do panfleto estão no fato de que, ele é escrito em folhas de papel de variados tamanhos. Abrange, em sua maioria, uma folha de papel, mas há panfletos com muitas folhas. São distribuídos gratuitamente à população: pessoalmente na rua, pelos correios. Alguns são apócrifos. A maioria não tem data, nem local. E todos são destinados à propaganda em geral: da política, da venda de produtos, da venda de serviços, etc. Utilizam a polêmica, a sátira, a caricatura, o slogan, uma pequena biografia, etc. O panfleto, neste artigo, é tratado como um tipo de gênero historicamente circunscrito, pertinente a uma certa sociedade e portador de características formais e ideológicas representativas. A sua descrição e análise estão relacionadas à sua emergência histórica.

Como afirma Maingueneau

os gêneros de discurso provêm de diversos tipos de discursos associados a vastos setores da atividade social.” Assim, o gênero panfleto constitui um gênero no interior do tipo de discurso de propaganda. “Divide-se, assim, a sociedade em diferentes setores: produção de propaganda, administração, lazeres, saúde, ensino, pesquisa científica, etc. que corresponde, ao mesmo tempo, a grandes tipos de discursos. (Maingueneau, 1998, p.47).

É operante a construção da seguinte representação:



O que diferencia o panfleto é o tipo de discurso dominante que o constitui, que Maingueneau (1998) chama de **cena englobante**. Quando alguém recebe um panfleto, na rua, ela deve ser capaz de determinar se ele implica em um discurso político, religioso, de propaganda, etc., ou seja, sob qual cena englobante ele está localizado para que possa ser interpretado, em função de qual finalidade ele é organizado. A imensa variedade de panfletos constitui subgêneros (tipos).

Panfleto político

O panfleto mudou o seu estilo. Aliás, os estilos são diversificados e sofisticados. E, no Brasil, há um fato muito interessante: a proliferação de uma imensa variedade de panfletos políticos. Entretanto, podemos resumir as características do panfleto político a partir dos critérios relacionados por Maingueneau (1998):

PANFLETO POLÍTICO	
CRITÉRIOS	CARACTERÍSTICAS
1. Finalidade Reconhecida	publicidade de um candidato político ou desqualificação do adversário
2. Status dos Parceiros Legítimos	imagem de um candidato e do eleitor
3. Lugar e Momento Legítimos	distribuição nas ruas e às vezes pelos correios
4. Suporte Material	texto escrito em papel de uma até quinze folhas
5. Discurso	persuasivo (utiliza a asátira, a polêmica, a caricatura, etc.)
6. Tipos de Textos	verbal e não-verbal

Quadro (2): Características do panfleto político

Os panfletos políticos são escritos heterogêneos, mas como se pode ver, no quadro acima, eles possuem um certo conjunto de traços que se organizam em um conjunto inteligível portador de uma significação ideológica em relação às pessoas e conjunto inteligível portador de uma significação ideológica em relação às pessoas e instituições. As condições de sua gênese é um determinado momento político, como, por exemplo, o eleitoral. Caracterizam-se por serem persuasivos. Podem ser publicações nas quais os candidatos apresentam seu programa de eleição, ensinam os eleitores a votar, textos polêmicos, textos satíricos ou que compreendam tanto a sátira e a polêmica, mas que possui a dominância de uma das duas características.

Gourevitch (1981) e (1986) diz que o panfleto tem uma tipologia variada: fotografias, ilustrações, histórias em quadrinhos. E que progressivamente esta forma militante de comunicação política se fragmentou, podendo ter um formato de folheto de propaganda como de um jornal apresentando a entrevista de um líder nacional ou a análise de uma situação local típica.

Conclusão

O panfleto político é um tipo de instrumento para a propaganda em massa. Por isso, impresso em grandes tiragens. Sua distribuição é feita no espaço público e privado. O panfleto político permite ao candidato intervir, reagir, se dirigir aos eleitores, sobretudo em função da campanha do adversário, de forma rápida e mais barata. O panfleto político é um dos textos de propaganda política muito próprios à explicação, à argumentação.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOUTET, Josiane e outros. *Discours en situation de travail*. In: Langages. Paris: Larousse, (117): 12-31, 1995.
- BRANCA-ROSOFF, Sonia. *Entre langue et discours*. In: Langage & société. Paris: Maison des sciences de l'homme, (87): 5-24, 1999.
- GOUREVITCH, Jean-Pierre. *La propagande dans tous ses états*. Paris: Edilig, 1981.
- _____. *La politique et ses images*. Paris: Edilig, 1986.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique e COSSUTTA, Frédéric. ***L'analyse des discours constitutants***. In: Langages. Paris: Larousse, (117): 112-125, 1995.